
Sistêmica do circuito da reciclagem em Clevelândia - PR: Mapeamento das condições de vida e trabalho dos coletores de recicláveis

Recycling systemic in Clevelândia - PR: Mapping of the living and working conditions of recyclable collectors

Maralice Maschio^{1*}; Mário M. Tagliari¹

RESUMO

O presente texto trata de um mapeamento construído por pesquisadores da Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente de Clevelândia - PR sobre as condições de vida e trabalho dos coletores de recicláveis na cidade. Para isso utilizou-se os dados obtidos com os 61 questionários aplicados com esses trabalhadores, além de duas de 17 entrevistas orais produzidas, tendo por intuito entender e construir uma lógica do que envolve a reciclagem na cidade, com diferentes sujeitos e práticas envolvidos, uma sistêmica. O trabalho teve início a partir do projeto “Do lixo ao parque Tamarino”, realizado pelo Núcleo de pesquisa e estudos AMADURECER, que buscou identificar quais sujeitos trabalharam no aterro, se ainda moravam nas redondezas e quais e quantos ainda sobreviviam da reciclagem, observando, também, as transformações socioambientais e culturais no antigo aterro, hoje Parque Natural Tamarino D’Ávila e Silva, gestado pela FAMA. Buscou-se identificar os envolvidos no ramo da reciclagem: coletores, atravessadores e associação de catadores, promovendo conscientização ambiental, valorização de direitos trabalhistas e afirmação de políticas públicas para este contingente precarizado.

Palavras-Chave: Coletores de recicláveis; Precarização; Sistêmica; Circuito da reciclagem.

ABSTRACT

The present study deals with the mapping generated by researchers from the Clevelândia Municipal School of Education and Environment (FAMA - PR) about the living and working conditions of recyclable waste collectors. Data were obtained from 61 questionnaires applied to these workers and two from 17 oral interviews were registered aiming to comprehend the recycling system in the city. This study kicked off from the project “From the local landfill towards Tamarino Protected Area”, a research project managed by AMADURECER group who sought to identify and describe the authors who work in Clevelândia’s landfill, if they still lived nearby the landfill area, and how many local recyclable waste collectors relied financially on wasting collect. We discussed the environmental and cultural transformations in the former landfill (Tamarino de Ávila e Silva Protected Area), managed by FAMA. We have identified local recycling authors: collectors, middlemen, and collectors’ association, seeking to promote environmental awareness; valuation of labor rights; and contributing to enhance public policies statements for these precarious contingent of workers.

Keywords: Recyclables collectors; Precariousness; Systemic; Recycling system.

¹ Instituição de afiliação 1. Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente

*E-mail: maralicemaschio@gmail.com

INTRODUÇÃO

O projeto “Do lixão ao Parque” elaborado pelos pesquisadores do Núcleo de pesquisa e estudos em Religiosidades, Educação, Meio Ambiente e Políticas Públicas – AMADURECER e o Laboratório em Educação e Meio Ambiente – LABEDUM, em parceria com a Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA e pelo Poder Público Municipal de Clevelândia - PR, tinha por objetivo inicial identificar as mudanças socioambientais e culturais dos trabalhadores que sobreviveram do antigo aterro sanitário – transformado em Unidade de Conservação – em Clevelândia e que, posteriormente, continuaram residindo nas redondezas do área protegida e mantiveram-se como coletores de recicláveis. Durante trabalho de campo, no qual foram produzidas 17 entrevistas orais, a realidade fez com que identificássemos a sistêmica que envolve a reciclagem na cidade e as condições de vida e trabalho desses sujeitos surgindo questões de pesquisa, tais como: 1) Tempo de trabalho como coletor; 2) Diferenças entre o trabalho no aterro e na associação ou nas ruas; 3) Contribuições para a cidade; 4) Vida e trabalho dos coletores. Inicialmente, por intermédio de aplicação de questionário semiestruturado a todos os coletores identificados, tabuladas e com amostragem no texto e, posteriormente, com a realização de entrevistas orais com moradores das redondezas da área de estudo, que trabalharam no lixão e até hoje permanecem coletores de recicláveis, conforme serão apresentados na próxima seção.

Segundo Antônio de Pádua Bosi², as reflexões geográficas registradas em revistas e livros acadêmicos têm considerado os coletores como parte de três temas mais amplos, relacionados a debates sobre formas alternativas de geração de renda para trabalhadores ditos "excluídos"³; construção de "novos sujeitos"⁴; e saúde pública⁵. No

² BOSI, Antônio de Pádua. “A organização capitalista do trabalho ‘informal’: o caso dos catadores de recicláveis”. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23 (67), Jun 2008. p. 01.

³SANTOS, Boaventura S. (org.). (2002), *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; DIAS, Sônia M. (2002), "Lixo e cidadania: os impactos da política de resíduos sólidos de Belo Horizonte no mundo do trabalho do catador da ASMARE". Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG, de 4 a 8 de outubro de 2002.

⁴ COUTO, Ana M. S. (2000), *Trabalho, cotidiano e sobrevivência: catadores de papel na cidade de Uberlândia, 1970-1990* Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP; ADISSI, Grissel. (2003), "El fenómeno 'cartoneros' en los medios gráficos portemos: la construcción de un nuevo sujeto/objeto histórico". Disponível no site <http://www.urbaed.ungs.ar/textos/>; GORBÁN, Débora. (2004), "Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina: el caso de los cartoneros". *Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, 2 (8): 3-15, Buenos Aires, jul./set. Disponível no site <http://www.catedras.fsoc.uba.org/>.

⁵ FERREIRA, J. A. et al (2001), "Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais". *Caderno de Saúde Pública*, 17: 689-696; PORTO, Marcelo F. S. et

campo das ciências humanas e sociais, as duas primeiras abordagens têm sido predominantes e a partir de uma visão que percebe o trabalho dos coletores como "marginal" ao processo de organização capitalista⁶. Essa interpretação tende a apreender o coletor como um "trabalhador por conta própria" que negocia livremente o produto de seu trabalho. Algumas dessas abordagens, quando lidam com os trabalhadores organizados em associações ou cooperativas, chegam a conceituá-lo como alternativo à economia de mercado e à lógica da produção capitalista⁷.

Enxergando o material reciclável como mercadoria, o coletor de reciclável como agente que compõe um contingente significativo de trabalhadores que sobrevivem em condições de vida e de trabalho precarizadas propõe-se a apresentação de parte do trabalho de campo realizado pelo Núcleo AMADURECER, juntamente com o LABEDUM, vinculados à Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente de Clevelândia – FAMA, acerca dos projetos “Do lixão ao Parque Tamarino⁸” e “Associação de coletores de recicláveis e os potenciais para a criação de uma cooperativa de recicladores⁹”, desdobrado do primeiro.

Do desenvolvimento desses projetos o questionamento para o presente texto: como o trabalho de campo do AMADURECER auxilia na percepção do que se chamou de sistêmica do ciclo da reciclagem, entendendo o coletor como agente ambiental, mas, acima de tudo, como trabalhador precarizado na logística do capital, exemplificada pelo sistema da reciclagem?

al (2004), "Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil". *Caderno de Saúde Pública*, 20 (3): 1503-1514.

⁶ CESCONE TO, Eugênia A. (2002), *Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no Oeste do Paraná (Toledo, 1988/1999)* Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

⁷ RODRÍGUES, César. “À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia”. In.: Boaventura S. Santos (org.), *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁸ Projeto em andamento, tem por objetivo analisar os moradores do entorno do antigo lixão, transformado em Parque Natural gerenciado pela Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA, de modo a entender como era a vida e o trabalho no aterro e os processos de transformação socioespaciais e econômicas do lixão ao parque.

⁹ O projeto, em andamento, acompanha a RECICLA Clevelândia – Associação de coletores de recicláveis desde a sua fundação em 2011 com o fim do lixão, os conflitos, a organização, as perdas, as conquistas e os potenciais para a criação de uma cooperativa de recicladores.

Os coletores de recicláveis clevelandenses na sistêmica da reciclagem

Clevelândia situa-se na região sudoeste do Estado do Paraná. É um município cuja população foi estimada em 2021 com 16.344 pessoas. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020 apenas 16,4% da população foi classificada como “ocupada”. Cerca de 36% da população possui rendimento nominal mensal per capita de apenas $\frac{1}{2}$ salário-mínimo (IBGE, 2022). O município apresenta indicadores socioeconômicos abaixo da média nacional, o que reflete, consequentemente, na desigualdade social e na concentração de renda, refletindo em condições muitas vezes precárias de indicadores básicos, como: saúde, educação, trabalho e rendimento, economia e meio ambiente (IBGE, 2022).

A questão central deste estudo, busca, portanto, traçar uma linha de raciocínio lógica que demonstre a realidade social do público-alvo, *i.e.*, os coletores do município de Clevelândia, o processo histórico de marginalização desta profissão, o “determinismo social” implicado às classes vulneráveis, ao mesmo tempo que identifica e traz aspectos socioambientais que são beneficiados e potencializados dentro da concepção sistêmica de reciclagem feito pelos mesmos atores.

Durante o mês de dezembro de 2021, em equipe (Docentes, pesquisadores e acadêmicos), o AMADURECER e o LABEDUM, realizaram trabalho de campo¹⁰ no sentido de identificar os coletores de recicláveis em Clevelândia traçando um perfil socioeconômico da vida e do trabalho desses sujeitos por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, com 17 questões¹¹.

Foi detectado um contingente de 61 coletores num município de menos de 17.000 habitantes entre zonas urbana e rural. Destes, 11 são crianças e adolescentes, por

¹⁰ O trabalho deu origem ao projeto Associação de catadores de recicláveis de Clevelândia e as potencialidades para a criação de uma Cooperativa de recicladores. Ambos os trabalhos têm origem no projeto “Do lixão ao Parque Tamarino”, que entrevistou 14 antigos trabalhadores do lixão/aterro sanitário da cidade, de 27 famílias que lá trabalhavam, na tentativa de explicar como era a vida e o trabalho naquele período e como foram ocorrendo mudanças geoespaciais e socioeconômicas quando da transformação do aterro no Parque Natural Tamarino D’Ávila e Silva, gerenciado pela FAMA.

¹¹ Nome, Idade, Endereço, Telefone, Tempo de trabalho como catador, Número de membros na família, Salário como catador, Renda mensal, Quantos membros da casa sobrevivem com o dinheiro da coleta, Quantos membros da casa coletam, Onde entregam o material, Quanto é pago por cada material, Trabalham quantas horas por dia e em quais locais, São associados na Recicla? Por quê?, Em caso de não associado o que gostaria para associar-se, Se fosse criada uma cooperativa de recicladores trabalharia nela?, Conhece algum catador para indicar?

isso não entraram na amostragem gráfica¹². Dos 50 adultos entrevistados, 19 são homens (38%) e 31 são mulheres (62%), indicando dominância de mulheres na atividade. O percentual da grande maioria desses trabalhadores varia entre 42 e 67 anos, legitimando a literatura que trata sobre o tema em nível de Brasil, tanto no que se refere à idade quanto no que tange às relações de gênero.

Os pesquisadores Dagnino e Johansen¹³ analisando o Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificaram que todos os coletores de recicláveis estavam classificados na ocupação de código 9612 (Classificadores de resíduos). Assim, nenhum foi categorizado nas demais ocupações relativas a esse trabalho, como “Coletores de lixo e material reciclável” (9611) e “Varredores e afins” (9613). O fato é que não constam na base de dados os códigos de ocupação 9611 e 9613. Os trabalhadores nessas ocupações foram codificados como 9610, o que não existe nas classificações utilizadas pelo IBGE.

Nessa amostragem questionadora do IBGE identificou-se, ainda, que em relação às grandes regiões do Brasil, o Sudeste concentra o maior número de coletores do país, representando cerca de 42% da força de trabalho nessa ocupação, seguido do Nordeste, com 30%. Em termos de coletores por cada 100 mil pessoas ocupadas, verifica-se que, no Brasil, há 461 coletores para cada 100 mil ocupados, e no Nordeste esse volume é de 572, bem mais elevado do que nas demais regiões.

No que diz respeito aos indicadores demográficos, verifica-se a idade média de 39 anos para os coletores e 37 para a pesquisa do Censo. A idade mediana, por sua vez, é de 39 e 35 anos, respectivamente. De forma complementar, o percentual de idosos (pessoas com 60 anos ou mais de idade) é ligeiramente mais elevado entre os coletores (8%) do que na pesquisa do Censo total (6%). Verifica-se, deste modo, uma estrutura etária ligeiramente mais envelhecida para os coletores clevelandenses, se comparados aos dados apresentados pelo IBGE¹⁴.

¹² Os nomes foram encaminhados para a Secretaria de Educação, conforme acordado em reunião para discussão do projeto sobre os rumos da RECICLA Clevelândia e dos coletores de recicláveis na cidade, de modo a entrarem no Busca ativa, consequentemente escola integral e, quando possível, inscrição no Programa Jovem Aprendiz e estagiários.

¹³ DAGNINO, Ricardo de Sampaio; JOHANSEN, Igor Cavallini. “Os catadores no Brasil: Características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do Censo Demográfico de 2010”. In.: *Economia Solidária e Políticas Públicas. Mercado de trabalho*, V. 62, abr. 2017.

¹⁴ DAGNINO, Ricardo de Sampaio; JOHANSEN, Igor Cavallini. “Os catadores no Brasil: Características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e

Além do maior percentual da pesquisa que trata dos coletores de recicláveis pelo Núcleo de Pesquisa estar localizado na casa dos 40 anos, o percentual de idosos, em Clevelândia, chamou a atenção: Na faixa de 60 anos, especialmente entre os homens, somou-se aproximadamente 16%. Estes em sua maioria apresentam problemas de saúde, tais como: dores nas articulações, coluna, depressão e alcoolismo. As mulheres sofrem em casos de violência doméstica e abuso sexual (em torno de 8% declarados). Embora seja preciso pontuar que não foram visualizados tais casos somente entre os idosos, eles perpassam as idades dos coletores, tanto os de violência quanto os de dependência (idem). Há mulheres que, inclusive, são espancadas por filhos dependentes químicos¹⁵.

Brenda Marjory Lopes Correa, Caroline Urias Challouts, Marcelo Picinin Bernuci e Tânia Maria Gomes da Silva quando perguntaram às entrevistadas o que consideravam um ato de violência contra a mulher, os resultados demonstraram que 65% das entrevistadas compreendem especialmente a agressão física como sendo um ato de violência contra a mulher; 47% indicaram a violência verbal; 18% o feminicídio; 12% o assédio; 12% a violência sexual; 6% a traição e 6% citaram qualquer forma de discriminação contra as mulheres como sendo também uma violência. Assim, eles evidenciaram existir uma boa compreensão acerca do que seja um ato de violência contra as mulheres, uma vez que as entrevistadas não se limitaram à descrição de abusos físicos, mas também destacaram aspectos mais subjetivos.

Devido à sua construção social e histórica, a sociedade brasileira é profundamente patriarcal, com enraizamento dos papéis de gênero, isto é, formas de ser homem e ser mulher. Mesmo que a Constituição Brasileira de 1988 defina a obrigatoriedade da igualdade entre homens e mulheres, a realidade está ainda distante dessa conquista¹⁶. Nesse contexto, a família tornou-se, por excelência, o espaço da desigualdade. Naturalizou-se o ser homem e o ser mulher, desconsiderando aspectos culturais que modelam os papéis de gênero: mulheres são frágeis e submissas, enquanto homens são fortes, agressivos e provedores (exemplo esse que pode ser considerado real

varredores a partir do Censo Demográfico de 2010". In.: *Economia Solidária e Políticas Públicas. Mercado de trabalho*, V. 62, abr. 2017. p. 119.

¹⁵ Os dados e o indicativo das pessoas foram repassados para a Secretaria de Assistência Social e as famílias indicadas estão recebendo visitas semanais.

¹⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para práticas em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde. (Cadernos de Atenção Básica, 8; Série A – Normas e Manuais Técnicos, nº 131, 2002).

sob a perspectiva da interpretação simbólica aprendida culturalmente durante anos pela sociedade brasileira). É este contexto que ainda hoje valida a violência do homem contra a mulher, interpretada como natural.

No momento de questionadas se já haviam sentido que algum homem próximo ou do núcleo familiar as tratava de maneira discriminatória por serem mulheres, 47% das mulheres relataram não terem sofrido nenhum tipo de violência por serem mulheres; 47% disseram terem sofrido ou presenciado outra mulher da família sofrer violência e 6% não responderam. Quando questionadas sobre a “razão”, 37% das respondentes associaram as agressões ao fato do parceiro ser usuário de álcool; 25% relacionaram a violência ao ciúme do companheiro; 25% associaram a violência com o fato de elas terem reclamado de infidelidade do companheiro. Ainda, 13% citaram causas diversas, como nervoso, maldade, gênio ruim, gostar de mandar etc.¹⁷.

Em Clevelândia, dos 50 coletores abordados em trabalho de campo, 30% (n=15) perfazem uma jornada de trabalho diária de 4 horas, 8% (n=4) de 6 horas, 46% (n=23) de 8 horas e 6% (n=3) de 10 horas. O tempo de trabalho como coletor de reciclável evidenciou extremidades. Coletores com 20 anos ou mais tempo de trabalho perfazem um total de 10% (n=5), mas os de 2 a 3 anos, ou seja, inicial em comparação ao outro grupo, perfazem acima de 30% (n=15). Uma explicação plausível é a de que, com a crise econômica do país, nos últimos anos, acrescentada à Pandemia do COVID-19, o número de coletores de recicláveis nas ruas da cidade de Clevelândia tenha aumentado.

Carlos Vangerre de Almeida Maia, Anny Kariny Feitosa, Alceu de Castro Galvão Júnior, Danielle Ferreira de Araújo e Hamilton Ribeiro Andrade¹⁸ discutindo sobre o impacto do COVID-19 sobre a vida e o trabalho dos coletores admitiram que apesar da criação de inúmeras normativas para esses trabalhadores, especialmente por parte da vigilância sanitária, uma característica do isolamento social é a mudança no padrão de consumo dos brasileiros, onde, dados referentes ao mês de abril de 2020, publicados pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública (ABRELPE) apontaram que houve redução de 7,25% da geração dos resíduos domiciliares, mas com

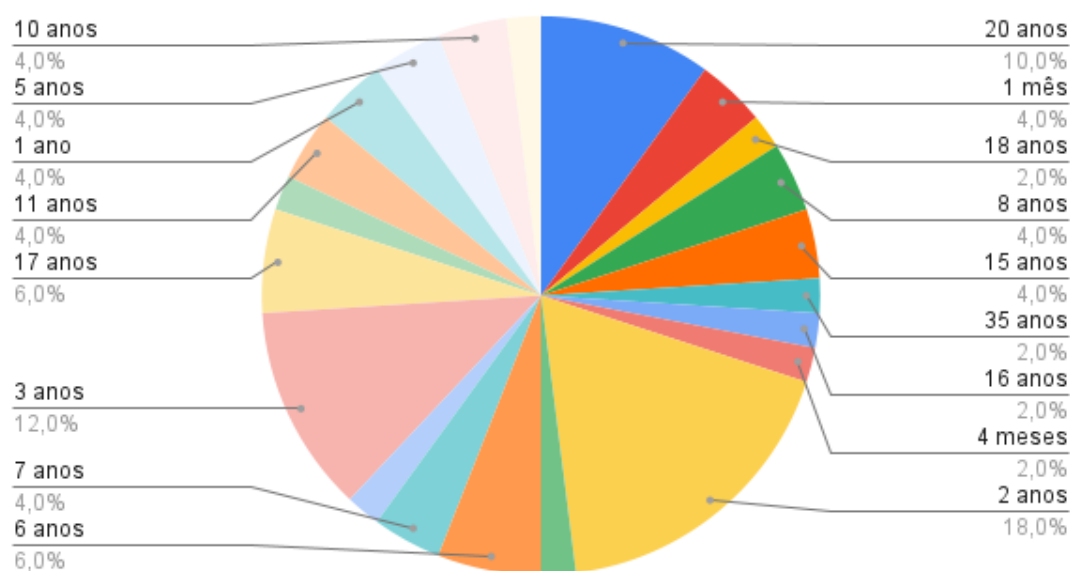
¹⁷ CORREA, Brenda Marjory Lopes; CHALLHOTS, Caroline Urias; BERNUCI, Marcelo Picinin; SILVA, Tânia Maria Gomes. “Condições de vida, trabalho e saúde: Um estudo de caso sobre mulheres coletoras de recicláveis em duas cooperativas de Maringá-PR”. In.: *Enciclopédia Biosfera*. Centro Científico Conhecer – Jandaia-GO, v.18 n.38; 2021, p. 8.

¹⁸ MAIA, Carlos Vangerre de Almeida; FEITOSA, Anny Kariny Feitosa. GALVÃO JÚNIOR, Alceu de Castro; ARAÚJO, Danielle Ferreira de; ANDRADE, Hamilton Ribeiro. “Reflexões sobre o impacto da Pandemia por Coronavírus na atuação do catador de materiais recicláveis”. In.: *Revista Pegada*, vol. 21, n.3. Setembro-Dezembro/2020, p. 420.

aumento entre 25 a 30% de recicláveis e de coletores de recicláveis, proporcionalmente, quando comparado ao mesmo período de 2019. Porém, mesmo com o aumento da massa de recicláveis e de trabalhadores, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que a indústria da reciclagem apresentou taxa de crescimento negativo no primeiro trimestre de 2020, comparado ao último trimestre de 2019.

Figura 1 – A contagem de tempo de trabalho como catador ao longo dos anos. Dos 50 catadores entrevistados, 39% (n=19) trabalham há pelo menos 10 anos nesta atividade. Catadores que estão há menos de 2 anos exercendo a atividade são 28% (n=14), indicando, possivelmente, a influência da pandemia do COVID-19 e o aumento da informalidade

Contagem de Tempo de trabalho como catador em anos



Fonte: Maschio, M.

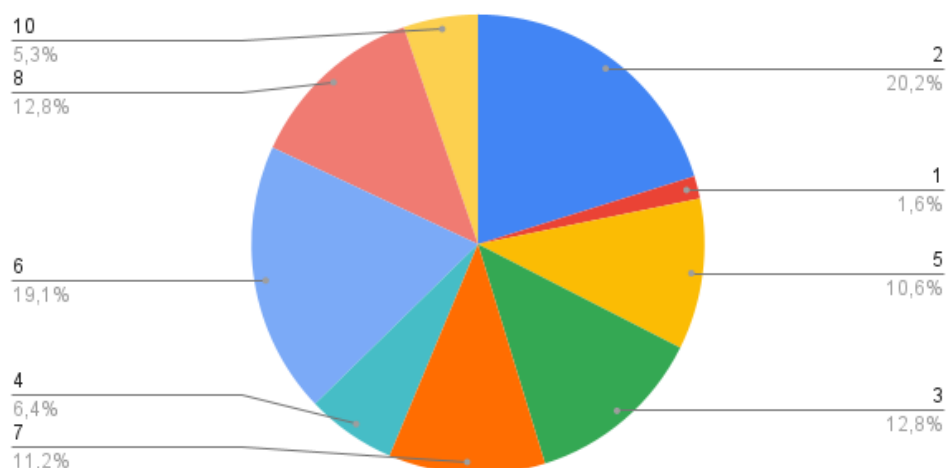
A questão tem a ver com o tempo de trabalho como coletor de reciclável em Clevelândia (Figura 1). Os dados não escapam do que classifica a literatura sobre o tema, mas também, inserem-se na realidade pandêmica. 10% trabalham há mais de 20 anos e no outro extremo 12% trabalham há dois anos, ou seja, iniciaram o trabalho no período pandêmico para sobreviver, como já mencionado. Nesse sentido questiona se os dados anteriores: Se houve queda nos números da indústria da reciclagem por que aumentou o número de coletores de recicláveis nas ruas?

Visualizando a divisão socioespacial dos coletores de recicláveis, identificou-se que eles estão situados, principalmente, nos três bairros mais carentes da cidade: Estrela, Vista Alegre e Claret. Um praticamente na entrada da cidade e os outros dois no final da cidade no sentido dos Parques Ambientais, na direção da Associação dos coletores RECICLA; inclusive todos passaram inicialmente por períodos em que atuaram em áreas de ocupação. Todos extremamente carentes, embora com conquistas visíveis nos últimos anos, tais como casa própria e benefícios do governo.

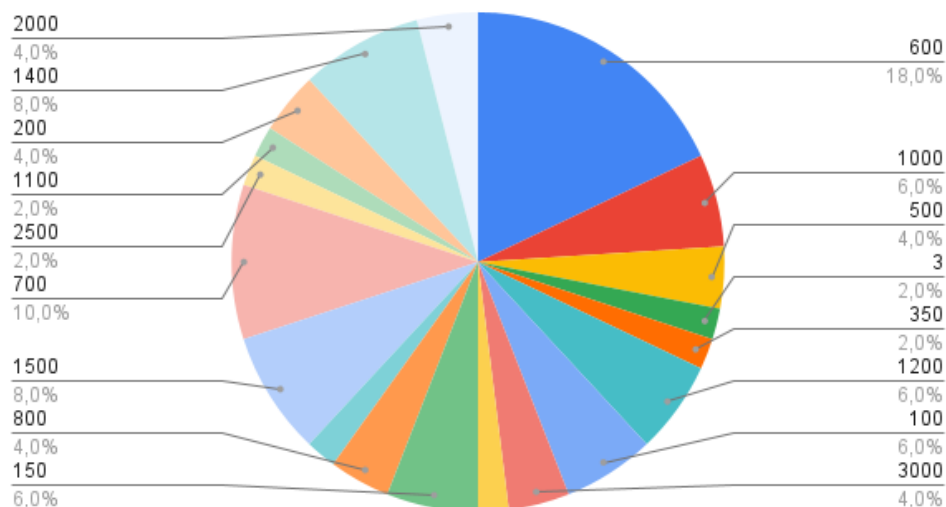
Outras características que chamaram atenção para traçar os perfis dos coletores e coletoras, em Clevelândia, foram: salário oriundo da catação e número de membros que sobrevivem da coleta dos recicláveis. Em relação à contribuição financeira que a atividade de catação fornece aos catadores clevelandenses (Figura 2), observou-se que 18% (n=9) sobrevivem recebendo R\$ 600,00 por mês da atividade de catação. Outros 10 catadores (19%) afirmaram que toda a renda gerada com a atividade vem da coleta. Poucos são os que conseguem mais de um salário-mínimo, ou seja, 12% (n=6) ganham até R\$ 2000,00, porém vivem em famílias que contêm de 4 a 6 membros – e que podem contribuir com renda extra à atividade de coleta.

Figura 1 – (a) Relação de membros de uma mesma família que são beneficiados pela renda gerada pela atividade de um catador ou catadora. Neste presente estudo, 50% das famílias que são beneficiadas pela atividade possuem, ao menos, 5 pessoas da mesma família. **(b)** Remuneração dos catadores (em R\$). A maior parte dos catadores (n= 9) recebe R\$600,00 e 64% dos entrevistados (n=32) recebem até um salário-mínimo

a) Quantos membros da casa sobrevivem com o dinheiro da coleta



b) Remuneração em R\$ com os recicláveis



Fonte: Maschio, M.

Antônio de Pádua Bosi¹⁹ vai na contramão de inúmeras discussões consolidadas na área, investindo na definição da coleta de recicláveis como trabalho e o lixo reciclável como mercadoria, desde que isto seja encarado como problema, do qual se

¹⁹ BOSI, Antônio de Pádua. “A organização capitalista do trabalho ‘informal’: o caso dos catadores de recicláveis”. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23 (67), Jun 2008, p. 2.

parte para a investigação, e não como um dado que antecipa os resultados da pesquisa, reflexão e proposições; um pouco do que nosso trabalho de campo tem mostrado. Partindo das experiências dos coletores de recicláveis, o autor discute a relação entre o trabalho considerado informal e o processo de organização e acumulação capitalista relacionado com o setor de reciclagem no Brasil. A principal hipótese explorada indica que o trabalho dos coletores de recicláveis no Brasil está integrado ao processo de acumulação financeira e que a suposta situação de exclusão dos catadores (desemprego, baixa escolaridade, faixa etária elevada) o qualifica para esse tipo de ocupação. Além disso, apesar da ausência de contratos de trabalho e de pagamento em forma de salário na rotina dos coletores, torna-se importante indagar quais as articulações existentes entre o trabalho dos coletores e o capital envolvido no *empresariamento* da reciclagem, de modo a revelar como são realizadas e reproduzidas historicamente as condições de trabalho desses sujeitos.

Na ponta intermediária desse sistema estão os sucateiros. Na cidade de Clevelândia há quatro compradores ou atravessadores ou sucateiros do sistema de reciclagem, como são chamados, juntamente com a RECICLA, nos quais também foi aplicado questionário. Os preços pagos variam: por gênero, por tempo de catação, por possuir carrinho ou não, por entregar separado, por entregar sujo, por entregar misto, pelo acúmulo mensal de reciclado para que o atravessador não perca financeiramente.

Marinho²⁰ afirma que para abordar as transformações no denominado "mundo do trabalho" tem-se que considerar o processo de reestruturação produtiva, pois as relações de trabalho e as formas de organização dos trabalhadores estão profundamente relacionadas com as transformações da produção e do mercado.

Birbeck²¹ denomina os catadores de "*self-employed proletarians*", pois, segundo o autor, o autoemprego não passa de ilusão. Os coletores autoempregam-se, mas na realidade eles vendem sua força de trabalho à indústria da reciclagem, sem, contudo, terem acesso à seguridade social do mundo do trabalho. A rotina diária do coletor é exaustiva e realizada em condições precárias.

²⁰ MARINHO, M.C.N. (2005). *As transformações no mundo do trabalho e suas implicações na formação do executivo*. Universidade Católica de Goiás, Dissertação de Mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia. Goiânia, GO. 2005, p. 24.

²¹ BIRBECK, C. (1978). "Self- employed proletarians in an informal factory: the case of cali's garbage dump". In.: *World Development* 6 (9-10), 1173-1185.

Muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, visto as condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados do dia por bebida alcoólica ou pagam-lhe um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo ou lhes dão um vale em dinheiro²².

Os coletores catam e separam do lixo o material reciclável numa quantidade que seja suficiente para vender. O comércio dos materiais recicláveis entre os coletores e as empresas de reciclagem geralmente passa pela mediação dos atravessadores, como dito. Esses intermediários, os sucateiros, recebem o material coletado pelos coletores, pesam e estabelecem o preço a ser pago. Em seus depósitos, os sucateiros vão acumulando os materiais prensando-os em fardos, até conseguirem uma quantidade que viabilize o transporte para as indústrias de reciclagem. Um dia de trabalho rende aos coletores de 2 a 5 reais dependendo da quantidade e do tipo de material que recolhem; e para estes sucateiros? Esta pergunta, por exemplo, não nos foi respondida por dois dos atravessadores e pelos outros dois definiu-se uma margem entre R\$ 3000,00 e R\$ 5000,00. Sabe-se que a realidade possivelmente não seja essa.

Como exemplo pode-se citar que 5% dos coletores chegam a receber R\$ 0,35 por material entregue, independente do resíduo; o “parelho” (tipologias de resíduos vendidas juntas) que o sucateiro e os coletores chamam e 50% recebem em torno de R\$ 0,70 pelo “parelho”, também. Por que o processo lucrativo dos materiais de reciclável é incomparável com o do intermediário se ambos não pagam, em tese, pelo resíduo? É o lixo que não é lixo! Abaixo demonstração dos preços pagos para o produto misto (i.e. resíduo limpo e sujo), o de maior característica entre os coletores entrevistados, em Clevelândia

O tipo de resíduo entregue pelo coletor e o valor pago pelo atravessador são fundamentais para entender a realidade que envolve a cidade e traçar um mapeamento. Em Clevelândia, para o cristal, o percentual mais alto, 12%, recebe R\$ 1,50, e o mais baixo 0,4% R\$ 0,20. No PET 22% recebe R\$ 2,80 e 0,4% recebe R\$ 0,20. No plástico, 25% recebe R\$ 0,70 e 0,2% recebe R\$ 1,20. No alumínio, 20% recebem R\$ 0,70 e 0,2%

²² MAGERA, M. (2003). *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade* Campinas, SP: Átomo. p. 34.

recebem R\$ 0,80. No papelão, 25% recebem R\$ 0,80 e 2% recebem R\$ 0,95. No cobre, 6% recebem R\$ 20,00, 0,2% recebem R\$ 0,20 e 80% não coletam.

Além dos valores pagos aos resíduos pelos atravessadores, há outra realidade: a dos valores pagos pela RECICLA Clevelândia – Associação dos coletores de recicláveis (Tabela 1).

Tabela 1 – Valores pagos por quilo aos recicláveis coletados entre “Recicla Clevelândia” e “Reciclagem Pato Branco”

	Cristal	PET	Plástico	Alumínio	Papelão	Cobre
Recicla Clevelândia	R\$ 2,60	R\$ 2,80	R\$ 1,30	R\$ 5,50	R\$ 0,55	R\$ 27,00
Reciclagem Pato Branco	R\$ 3,00	R\$ 2,60	R\$ 2,80	R\$ 5,50	R\$ 0,55	R\$ 38,00

Fonte: Maschio, M.

A RECICLA apresenta o melhor preço pago pelo reciclável no município, recebe de lucro R\$ 0,40 com a venda do cristal, R\$ 0,20 com a venda do PET, R\$ 0,50 com a venda do plástico e R\$ 1,10 com a venda do cobre. Contudo, não há lucro com a venda de alumínio e papelão. A associação vende mensalmente cerca de 12 toneladas de recicláveis, onde cada um dos 8 funcionários recebe em torno de R\$ 2000,00. As condições de vida e trabalho são melhores que a dos coletores de rua, apesar do trabalho de triagem dos associados ser bastante árduo devido à mistura de materiais orgânicos com recicláveis.

No ano de 2019, segundo o Ministério do Meio Ambiente, foram geradas 2.430 toneladas de resíduos em Clevelândia, das quais 480 ficam a encargo dos agentes de coleta. No ano de 2020, segundo Relatório de Pesagem da Coleta Seletiva realizada pela empresa prestadora do serviço, que realiza trabalho de coleta, transporte, transbordo e destinação, foram coletadas em média 286 toneladas de resíduo orgânico por mês, 55 toneladas mensais de reciclável e 47 toneladas de construção civil e jardinagem²³.

²³ Grupo CETRIC | Central de Tratamento de Resíduos Sólidos Industriais. Site: cetric.com.br

Em 2021 houve tendência de queda na coleta de resíduo orgânico e aumento na coleta de material reciclável, além de permanência na coleta de construção civil e jardinagem (TABELA 02).

Tabela 02. Percentuais da coleta seletiva em Clevelândia

ANO	ORGÂNICO/TN	RECICLÁVEL/ TN	CONSTRUÇÃO CIVIL JARDINAGEM/TN
2020	3438,24	661,45	575
2021	2943	734	575
VARIAÇÃO PERCENTUAL	-14,40%	10,97%	0%

Fonte: Maschio, M.

De acordo com as informações obtidas, no período analisado, a massa de resíduos sólidos coletados aumentou em todas as categorias se observado que o número de habitantes da cidade de Clevelândia vem diminuindo desde 2010. O último censo demográfico do IBGE também apontou redução populacional nos anos de 2020 e 2021. Ou seja, a cidade está produzindo mais resíduos, apesar da população absoluta estar em contínuo declínio (TABELA 03).

Tabela 03. Geração de Resíduos por Habitante tn/ano.

ANO	ORGÂNICO TN/HAB	RECICLÁVEL TN/HAB	CONSTRUÇÃO CIVIL E JARDINAGEM TN/HAB
2020	4,34	24,57	28
2021	5,18	22,98	28,24
VARIAÇÃO PERCENTUAL	19,35%	-6,47%	0,86%

Fonte: Maschio, M.

Encontra-se, também, variação percentual anual na coleta seletiva de Clevelândia entre 2020 e 2021, de acordo com os relatórios de pesagem do material, pela empresa prestadora do serviço, o que contraria os dados obtidos por habitante, ou seja, eles devem ser considerados parcialmente. Entre os anos de 2020 e 2021 o reciclável aumentou, o orgânico diminuiu e rejeitos de construção civil e jardinagem permaneceram iguais.

Outra questão necessária nesta análise é a de que a associação efetivamente paga melhor pelos recicláveis do que os atravessadores. Mas para que possa comprar do coletor de rua é necessário fonte de renda, além de condições de compra e venda. Processo que não ocorreu desde 2011 e que tem se movimentado desde dezembro de 2021 com o acompanhamento da Faculdade Municipal de Educação e Meio Ambiente – FAMA, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da criação de políticas públicas pela Prefeitura Municipal, no sentido de responder às demandas da associação e auxiliar no processo de organização da mesma.

É necessário pontuar também que além do valor recebido pelo material entregue existe a relação com o meio ambiente. Todos os materiais, a exemplo do alumínio, do plástico e do PET, se descartados incorretamente, trazem consequências desastrosas para o ambiente e o ser humano. Contudo, não basta apenas separar e descartar corretamente, é preciso reduzir o consumo, reutilizar, construindo educação e conscientização ambiental no sentido do equilíbrio ambiental, da transformação de locais e de cidades em sustentáveis, de ações entre homem e natureza que preze pela vida no planeta. Nesse sentido, os dados referentes à realidade de vida e trabalho dos coletores de recicláveis, que estão em uma sistêmica socioambiental, apontam para o quanto Clevelândia tem um longo caminho a percorrer.

Apesar da destinação final do reciclável e do preço melhor na RECICLA, somente 10% dos coletores são associados. Um casal de ex-associados em entrevista oral durante trabalho de campo ofereceram indícios dos porquês de alguns coletores terem saído da associação e/ou de não se associarem:

Tem muita gente ali, como tem agora, você não se engane, que são muito trapacero, sabe? Eu fazia parte da associação ali. (...) Até um elevador que tem lá eu ajudei compra, tudo, e nunca ganhei nada também. Quando parei, parei assim digo... Não quero nada, né? Isso daí fica pra quem... Carrinho ajudei pagá, ropa nós fizemo, mandemo fazê. Só que tinha gente por trás que não ajudava nós, sabe? Que ali foi explorado muita coisa, sabe? E tudo as pessoas que trabalharam ali quase tudo se deu bem, na época nós tivemo carro bão. (...) Esses tempo atrás eu tava quase voltando, porque o que dá mais lucro agora é latinha e esses cobre, porque vai... Cobre hoje, esses dia eu vendi treis quilo, né? Deu sessenta reais, vendendo aqui, porque em Chopinzinho eles tão pagando trinta e cinco reais o quilo, e acha, então ajuda bastante, né? E a latinha dá dinheiro, não é de varde que o Dudu tá rico, né? (...) Só que o negocio é assim: se tiveram vontade de pegá com gente que mais tarde não vá... Prejudicá as pessoa, porque ali tem, tem até agora, tem uns na associação ali que só prejudicam, se você entra ele que manda, ele que ele administra, ele

que ele taca só da família dele, não pensa nos outros, sabe? E assim tá, porque ali vem ó... nós tinha conta, tinha cheque no banco... Só que daí tinha pessoas que não passava pra nós, né? Não passavam o dinheiro, sempre o cheque. Quando queria o dinheiro tinha que ir lá na prefeitura pegá cheque pra pagá o material dos outros que nós comprava, porque não davam o cheque pra nós. Aquele, vamo fazê comparação, era o responsável, mas tinha outro por trás de nós, nós era só os tipo laranja²⁴.

A RECICLA já chegou a contar com 17 funcionários, mas a fala dos entrevistados elucida problemas vivenciados internamente, que fizeram com que muitos coletores de recicláveis não retornassem à associação e ela tenha acabado se constituído historicamente como uma espécie de empresa familiar com poucos membros. A entrevista traduz desde o modo como um atravessador e sucateiro se beneficiaram com o negócio da reciclagem, até como os associados poderiam ser vistos como uma espécie de laranjas, envolvidos entre a forma administrativa da associação e os responsáveis da Prefeitura, que supostamente os auxiliavam, além desse sistema ter feito com que muitos considerassem alguns membros da associação como corruptos.

Durante realização da pesquisa observou-se em campo tensão entre os entrevistados. Foram recorrentes os relatos de coletores de recicláveis não associados sobre a RECICLA de maneira bastante negativa, demonstrando-se irredutíveis quanto a associar-se, por exemplo.

É necessário abordar um pouco da história da Associação dos Coletores de Recicláveis de Clevelândia não apenas pelos conflitos existentes, mas porque são agentes fundamentais no processo da reciclagem e na própria representatividade de um grupo tão significativo e precarizado no país.

Até 2011 o município contava com um lixão/aterro sanitário a céu aberto. Nele trabalharam boa parte dos associados na RECICLA. Quando do fechamento do lixão a Prefeitura ofereceu aos trabalhadores a possibilidade de trabalharem como associados na antiga Clevelândia RECICLA. A Associação que iniciou com 17 funcionários logo perdeu índice numérico para uma variável entre 7 e 10, composta cada vez mais por familiares trabalhando em equipe, o que manteve afastado os demais coletores. Entretanto, neste ano, a RECICLA Clevelândia, ganhou um barracão e equipamentos, o primeiro em processo de adequações para a entrega. O processo gerou melhores

²⁴ Entrevistado 1. 5 de outubro de 2021.

condições de vida para os coletores, além de permitir o retorno de certo número de associados, não somente familiares.

Nas palavras do Presidente da Associação:

Eu queria agregá, eu queria podê agregá hoje, quinze, vinte família na associação, se tivesse tudo o reciclável das pessoa, sem ninguém pegá e sem misturá, eu podia agregá²⁵.

O segundo entrevistado traz aspectos importantes para a discussão: agregar famílias se a associação recebesse todo o reciclável destinado a ela em contrato com a empresa prestadora do serviço de coleta; ausência de intermediário; sem coletor de rua coletar; coleta de material já triado pelos coletores (orgânico separado do reciclável) pelo caminhão em coleta, contando com a conscientização dos munícipes em separar corretamente os resíduos. E esse é só o começo para que cada associado tivesse salário fixo, jornada de trabalho de acordo com o escolhido e recebendo proporcional, garantia trabalhista, direito a médico, serviço odontológico, cesta básica, EPI's etc., conforme rege o estatuto.

Fundamental observar que quando perguntados sobre o que gostariam para se associarem à RECICLA, os coletores sugeriram argumentos como: jornada de trabalho flexível, pontos de coleta, caminhão para pegar o material semanalmente nas residências. Em caso de associado e trabalhador almejam possibilidades como: jornada de trabalho flexível, roupa adequada, transporte para ir e voltar do trabalho, boxes individuais para a separação do material, adiantamento de valor em dinheiro quando necessitem, entre outros. Boa parte dessas condições já encontraria prática facilmente hoje na Associação, principalmente por se tratar de exigências do próprio Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR) para o funcionamento das associações e da Política Nacional de Resíduos Sólidos. Porém, não é do interesse se associar 90% dos entrevistados, o que parece contraditório.

Por conseguinte, quando questionados sobre a possibilidade de se associarem até 2023, desde que fundada a cooperativa de recicladores, com salário e jornada de trabalho fixas, além de benefícios garantidos por lei, o percentual de concordância foi elevado: 74% concordariam em associar-se.

Chamou atenção o dado porque a cooperativa faria parte da associação, cujo funcionamento legal deve seguir esta combinação. As condições propostas novamente

²⁵ Entrevistado 2. 8 de outubro de 2021.

se encaixariam inclusive no que rege o estatuto da Associação. Estariam em espaço próprio, operando maquinários, em jornada de 4 ou de 8 horas conforme o escolhido e recebendo proporcionalmente pelo trabalho, melhorando as condições de material/resíduos, por quantidade, e trabalho para todos.

Contudo, o que se percebe, de modo geral, é um sentimento de medo ou mesmo de receio, por parte dos coletores de rua, de que ocorra, com as propostas integrativas e de melhoria nas condições de vida e de trabalho deles, caso se associem ou sejam cooperados, o mesmo que aconteceu com a RECICLA inicialmente: desorganização, monopólio familiar, desvio de verba, falta de conhecimento sobre o funcionamento de uma organização, articulações políticas, perda do posto de trabalho etc. Reflexões de um estigma construído historicamente sobre a associação; há que se levar em conta também o baixo grau de escolaridade que é unânime entre todos os coletores de recicláveis brasileiros, associados, cooperados ou não. E é preciso não esquecer, ainda, que o próprio termo cooperativa pode ter chamado a atenção deles. Pelos questionários não foi possível identificar o que cada um entende por uma cooperativa. Mas indiscutivelmente viram uma diferença significativa entre as organizações: associação e cooperativa.

Considerações Finais

O trabalho de campo do AMADURECER foi construído de modo a tentar mapear os coletores de recicláveis da cidade de Clevelândia: na rua e na RECICLA Clevelândia. A aplicação de questionários com 17 questões em 50 dos 61 coletores identificados permitiu reconhecer que esses trabalhadores são agentes ambientais importantes na cidade, mas não é possível tratar o coletor de reciclável como agente ambiental de uma forma romântica. O trabalho deveria ser regulamentado, com garantias e que fomenta estratégias que reduzam tanto a insalubridade quanto a precariedade em que se encontram os coletores.

Considerando tais questões esperamos que o texto possa ser uma contribuição no campo temático dos coletores de recicláveis no país, a partir da localidade de Clevelândia, mas também uma possibilidade para se pensar como características a exemplo de idade, tempo de trabalho, renda, valor pago pelo reciclável, quantidade de reciclável recolhido, entre outros, podem servir como dados empíricos concretos que colocam sujeitos no centro do debate e apresentam parte de suas duras realidades. O

processo abre espaço para a criação de políticas públicas em âmbito municipal, para se buscar a efetivação das leis e políticas existentes em âmbito federal e estadual e acreditar que apesar de precarizado, o trabalho e o sujeito, podem encontrar, talvez, formas de bem viver.

REFERÊNCIAS

ADISSI, G. El fenómeno 'cartoneros' em los médios gráficos portemos: la construcción de un nuevo sujeto/objeto histórico", 2003. Disponível no site <http://www.urbared.ungs.ar/textos/>

BARBOSA, M. F. N.; SILVA, M. M. P.; SOUZA, M. A. Os catadores de materiais recicláveis e sua luta pela inclusão e reconhecimento social no período de 1980 a 2013. **REMOA**. Santa Maria - RS, v. 13, n. 5, p. 3998- 4010, dez 2014.

BIRBECK, C. (1978). Self- employed proletarians in an informal factory: the case of cali's garbage dump. **World Development** 6 (9-10), 1173-1185.

BOSI, A. P. “A organização capitalista do trabalho ‘informal’: o caso dos catadores de recicláveis”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 23 (67), Jun 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para práticas em serviço. Brasília: Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica**, 8; Série A – Normas e Manuais Técnicos, nº 131, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**: 2010. 3. ed. Brasília: MTE, 2010. v. 1.

CESCONETO, E. A. (2002), Catadores de lixo: uma experiência da modernidade no Oeste do Paraná (Toledo, 1988/1999). **Dissertação de mestrado**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

COELHO, A. P. F.; BECK, C. L. C.; FERNANDES, M. N. S.; PRESTES, F. C.; SILVA, R. M. Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, e20160075, jul./set. 2016.

CORREA, B. M. L.; CHALLHOTS, Caroline Ur.; BERNUCI, M. P.; SILVA, T. M. G. Condições de vida, trabalho e saúde: Um estudo de caso sobre mulheres coletoras de recicláveis em duas cooperativas de Maringá-PR. **Enciclopédia Biosfera**. Centro Científico Conhecer – Jandaia-GO, v.18 n.38; 2021.

COSTA, W. B.; CHAVES, M. R. Catadores de recicláveis: entre a informalidade e a precarização do trabalho. **Espaço em revista**. Catalão - GO, v. 15, n. 1, p. 143–155 2013.

COUTO, A. M. S. (2000). Trabalho, cotidiano e sobrevivência: catadores de papel na cidade de Uberlândia, 1970-1990. **Dissertação de mestrado**, Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP.

DAGNINO, R. S.; JOHANSEN, I. C. Os catadores no Brasil: Características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores a partir do Censo Demográfico de 2010. **Economia Solidária e Políticas Públicas. Mercado de trabalho**, V. 62, abr, 2017.

Decreto Federal n. 7.404/2010. Cooperativas e associações de catadores no sistema de coleta seletiva e reciclagem.

DIAS, M. L. F. G.; JUNQUEIRA, L. A. P.; MOURA, L. R. Um olhar sobre a saúde do catador de material reciclável: uma proposta de quadro analítico. **Ambiente & Sociedade: Temas em Destaque**. São Paulo, v. 21, p. 1-20, 2018.

DIAS, S. M. (2002). Lixo e cidadania: os impactos da política de resíduos sólidos de Belo Horizonte no mundo do trabalho do catador da ASMARE. Trabalho apresentado no **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Ouro Preto, MG, de 4 a 8 de outubro de 2002.

Entrevista concedida em 8 de outubro de 2021. Transcrição de Leandro Bueno.

Entrevista concedida em 5 de outubro de 2021. Transcrição de Leandro Bueno.

FERREIRA, J. A. et al. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais". **Caderno de Saúde Pública**, 17: 689-696, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

Lei Federal n. 12.305/2010. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**.

GORBÁN, D. Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina: el caso de los cartoneros. **Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos**, 2 (8): 3-15, Buenos Aires, 2004. Disponível no site <http://www.catedras.fsoc.uba.org/>

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

MAIA, C. V. A.; FEITOSA, A. K. F.; G. J.; ALCEU C.; ARAÚJO, D. .F.; ANDRADE, H. R. Reflexões sobre o impacto da Pandemia por Coronavírus na atuação do catador de materiais recicláveis. **Revista Pegada**, vol. 21, n.3, 2020.

MARINHO, M.C.N.. As transformações no mundo do trabalho e suas implicações na formação do executivo. Universidade Católica de Goiás. **Dissertação de Mestrado** não publicada. Mestrado em Psicologia. Goiânia - GO, 2005.

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO K. B. M. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicol. Soc.** 18 (2), 2006.

PORTO, M. F. S. et al. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, 20 (3): 1503-1514, 2004.

RODRÍGUES, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In.: Boaventura S. Santos (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, B. S. (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, T. M. G.; MARQUES, A. G.; PRIORI, C.; HEIL, G. G. Pode-se ter saúde e qualidade de vida em situação de violência e desrespeito aos direitos humanos? Uma reflexão à luz dos estudos feministas e de gênero. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**. Irati, v. 9, n. 2, p. 129-149, 2018.

Recebido em: 11/10/2022

Aprovado em: 16/11/2022

Publicado em: 24/11/2022